

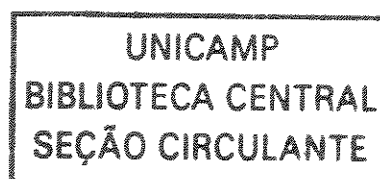
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

LINGÜÍSTICA E MODERNIDADE

MARCELO ROCHA BARROS-GONÇALVES

CAMPINAS

2002



UNIDADE	BC
Nº CHAMADA	T/UNICAMP
	G586L
V	EX
TOMBO BC/	51658
PROC.	16-837-02
C	☐
D	☒
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	06-12-02
Nº CPD	

CM00176240-9

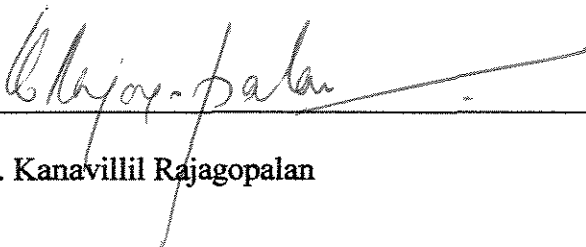
BIBID. 275708

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

G586L... Gonçalves, Marcelo Rocha Barros
Linguística e modernidade / Marcelo Rocha Barros Gonçalves. -
Campinas, SP: [s.n.], 2002.

Orientador: Kanavillil Rajagopalan
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Linguagem - Filosofia. 2. Pragmática. 3. Linguística - História e crítica. I. Rajagopalan, Kanavillil. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.



Prof. Dr. Kanavillil Rajagopalan

Prof. Dr. Jonas de Araújo Romualdo

Prof. Dr. Fábio Lopes

Este exemplar é a redação final da tese
defendida por Marcelo Rocha

Barros Gonçalves

e aprovada pela Comissão Julgadora em
31 / 10 / 2002.



Campinas, 06 de Março de 2002

Para Isadora, minha filha.

AGRADECIMENTOS

- à Capes, pelo financiamento; ao IEL e à UNICAMP pela infra-estrutura.
- Ao meu orientador e amigo Raja, pelas conversas proveitosas nas tardes quentes de Campinas.
- aos Professores Fábio Lopes e Jonas Romualdo pela participação na defesa.
- ao Professor Sírio Possenti, pelas críticas e leituras preliminares e pelas boas conversas sobre futebol.
- à Maria Bernadete Marques Abaurre, por ter me proporcionado os primeiros passos na Ciência da Linguagem.
- à Família e aos amigos do peito.

Não posso ficar colado
à natureza como uma estampa
e representá-la no desenho que dela faço
não posso
em mim nada está como é
tudo é um tremendo esforço de ser

Secos & Molhados

SUMÁRIO

RESUMO	13
1. CAPÍTULO 01: MODERNIDADE E LINGÜÍSTICA	15
2. CAPÍTULO 02: LINGÜÍSTICA E MODERNIDADE	27
3. CAPÍTULO 03: A LINGÜÍSTICA CARTESIANA	39
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	61
6. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	63
7. APÊNDICE	65

RESUMO

Aqui nada mais se fará que o levantamento de alguns esboços meus de leitura, mas é bem verdade que por trás destas leituras o tema da Modernidade esteja presente em quase todos os momentos. O texto parte da leitura do *Cosmopolis - The Hidden Agenda of Modernity*, de Stephen Toulmin (ver TOULMIN, 1990), tentando observar a construção de uma concepção de Modernidade que torne capaz compreender, dentro da Lingüística, como se deu o desenrolar deste ideário *moderno* nos estudos da linguagem.

Ao leitor que já tivera o prazer de ler o livro de Toulmin, as devidas desculpas pelo reducionismo e apagamento de partes inteiras que continham fatos históricos e discussões filosóficas bastante interessantes. Mil perdões !!! Mil perdões também aos que desejavam uma leitura, por assim dizer, mais histórica. Ainda que este texto esteja em harmonia com o texto de Toulmin e, por tabela, ao texto de Eric Hobsbawm *The Crisis of Seventeenth Century*, grandes passagens e fatos isolados são parcialmente tratados ou, aqui, completamente esquecidos.

Desculpas também, antecipadamente, pelo excessivo número e tamanho das citações. Como quis aqui, elas talvez revelem os diálogos deste trabalho com outros mais. Elas podem servir ao leitor também como chaves para a leitura deste texto que apresento: ora porque refletem muito do que penso sobre linguagem, ora porque confirmam o pouco que sei sobre linguagem.

O objetivo é um só: supor a leitura para chegar à Lingüística, e comprar a idéia de Toulmin de que a Modernidade viveu duas trajetórias distintas ao longo dos séculos - a

saber a Humanista e a Naturalista - imaginando para a Lingüística como teria se desenvolvido esta agenda teórica nos estudos da linguagem. Assim como para Toulmin é impreciso fundar pontos estanques para surgimento da Modernidade, para lingüistas a tarefa de precisar a chegada da Modernidade nos estudos da linguagem também não é dos mais fáceis encargos.

O que parece sensato é ver como se desenvolveram as duas filosofias conseqüentes de duas distintas abordagens para os estudos da linguagem (e por que não os marcos Saussure e Chomsky ?), e perceber como estariam (não determinando a priori um conceito de Modernidade) estas duas filosofias relacionadas à agenda da Modernidade proposta por Stephen Toulmin.

Saussure não perde a sua coroa de rei, mas é encarado como um cientista de seu tempo, dividido entre as mazelas do racionalismo e um re-renascimento. Quase cinquenta anos mais tarde, o norte americano Noam Chomsky e sua proposta Gerativista acabam por trazer de volta o racionalismo do século XVII para os estudos da linguagem.

palavras-chaves: Filosofia da Linguagem

Pragmática

Lingüística: história e crítica

CAPÍTULO 01 - MODERNIDADE E LINGÜÍSTICA

Tão difícil quanto começar uma tese de mestrado, ou mais, é precisar o ponto de partida do que hoje chamamos de Modernidade. O trabalho em questão parte desta já nada pacífica questão e se apoia nas especulações de Stephen Toulmin em seu *Cosmopolis* que tenta apontar para o que poderia ser uma agenda da Modernidade, um caminho deste ideário na história do pensamento do homem.

As tentativas para datar o início da modernidade são fartas e variadas. Não restam dúvidas que Gutemberg, em 1436, criador dos tipos móveis, agilizaria o veículo de informação das idéias e que a Reforma Luterana, em 1520, ao questionar a autoridade da Igreja Católica, detentora do saber científico e religioso, abriria uma brecha para a separação da ciência da religião. Contudo, uma das teses mais aceitas é a de que a década de 30 do séc. XVII tenha importância crucial para a guinada para a Modernidade em seu veio mais racionalista. A década de 30, em especial, pelo surgimento de Galileo na Física (mecânica em especial) e astronomia, e de Descartes na lógica e epistemologia. Se estendermos a marca para o séc. XVII, abraçamos ainda Newton e o seu *Principia* de 1687 e o fim da Guerra dos Trinta Anos.

Não são, alhures, esquecidas as hipóteses que tentam colocar este marco um século adiante, com as revoluções norte-americana e francesa, respectivamente em 1776 e 1789; ou mesmo em 1899 com o *Interpretação dos Sonhos* de Freud e aquém ou além desta data, se pensarmos na eclosão de várias outras áreas dentro das ciências humanas (a Sociologia, a Antropologia, a Lingüística, etc.). Quem sabe, mas a distância no próprio tempo já nos permitiria construir uma agenda da Modernidade antes mesmo do aparecimento destas novas áreas científicas.

Em *Science, Faith and Society*, Michael Polanyi também reconhece a diversidade das origens da Modernidade e salienta que:

"The gradual emergence of a society dedicated to the pursuit of truth by methods of objectivity and tolerance occurred in Europe through the revival of Greek thought after the Dark Ages. Much of this thought had survived in Christian theology and in the remnants of Roman Law. Then from the time of the Carolingian revival ancient thought spread its influence steadily until it once more became dominant during the Italian Renaissance. The period of the Renaissance humanists saw the first attempt to overthrow the hitherto ruling theological authority and to establish in its place a culture based on a free secular intelligence. The Reformation and the Counter-Reformation threw this process back, but it re-emerged finally in the seventeenth century in Holland, England, and in the English Colonies of America, and led there for the first time to an institutionally established régime of comparatively wide objectivity and tolerance. In other parts of Europe tolerance spread first through the agency of enlightened absolutism and, later more effectively, through the repercussions of the French Revolutions of 1789 and 1848."

POLANYI, 1946.

Polanyi, assim como Toulmin, percebe que a emergência deste paradigma objetivista deve ser entendido não a partir de pontos isolados na História, mas sim através da percepção de que esta emergência se deu de maneira gradual. Contudo, o projeto de Toulmin talvez seja, num certo sentido, mais ambicioso que o de Polanyi, sobretudo no que diz respeito à investigação da Modernidade.

Toulmin também prefere não marcar pontos isolados de partida para traçar uma agenda da Modernidade, mas tenta, a partir de uma abordagem histórica, perceber como se

deu, ao longo dos séculos, o surgimento e manutenção dos ideais de Modernidade. Para tal, Stephen Toulmin insiste na hipótese de que a Modernidade tem dois distintos pontos de partida, um Humanístico preso à Literatura Clássica e um Científico, Racionalista, enraizado na Filosofia Natural do séc. XVII. Assim, Toulmin recupera a Renascença e a vê, numa fase de transição, com significativa importância na construção da Modernidade. Os Humanistas, ainda que presos aos valores medievais, de certo modo, reagiam contra os dogmatismos da Igreja Católica.

Neste fluxo histórico, a chegada ao século XVII marca definitivamente a quebra com alguns velhos clichês que permeavam o pensamento científico Renascentista. É nesta passagem do humanismo para o racionalismo, da Renascença para as *luzes* do XVII, que Toulmin vê o aflorar da outra vertente da modernidade e a definitiva assunção, de um lado, de um fazer-ciência racionalista:

" The rise of lay culture cleared the ground for a definitive break with the Middle Ages, in both the intellectual revolution was launched by Galileo Galilei, and by René Descartes. It had two aspects: it was a scientific revolution, because it led to striking innovations in physics and astronomy, and it was the birth of a new method in Philosophy, since it established a research tradition in theory of knowledge and philosophy of mind that has lasted right up to our own times. In fact, the founding documents of modern thought - Galileo's Dialogues concerning the Two Principal World Systems and Descartes' Discourse on Method - both dated from the same decade: that of the 1630s. "

TOULMIN, 1990.

Mais, percebe que esta quebra se dá de maneira gradativa, nada desmotivada: se Toulmin vê a Europa naquele momento como berço da agitação de forças sociais e políticas

que induziriam a Modernidade para a sua vertente mais racionalista, é porque, não descartando que o velho continente seja o centro do universo humano, vê a Europa a partir do choque dos centros contra as periferias. Neste sentido, a Modernidade vive plenamente suas duas vertentes concumitantemente:

" We are taught that this 17th-century insistence on the power of rationality, along with the rejection of tradition and superstition - the two were not clearly distinguished - reshaped European life and society generally. After a brief flowering in Classical Greece, natural science had made little progress for two thousand years, because people either did not understand, or were distracted from, the systematic use of "scientific method". Earlier ideas of Nature were thus refined spasmodically and haphazardly, for lack of recognized ways to improve scientific thought systematically and methodically."

TOULMIN, 1990.

Se voltarmos à leitura de Polanyi, e a compararmos com esta visão dobrada de Stephen Toulmin, poderemos perceber que, ainda que se dê relativa significância aos Renascentistas, o primeiro parece encarar a modernidade somente em seu veio racionalista ("[...] a society dedicated to the pursuit of truth by the methods of objectivity and tolerance [...]"). O segundo, na tentativa de marcar a passagem do Humanismo para o Racionalismo, aponta para quatro passos, nem sempre em conjunto, que denunciariam finalmente a quebra com os ideais Renascentistas, Humanistas, dos séculos XV e XVI:

1. A passagem do Oral para o Escrito	<i>Formal logic was in</i> <i>Rhetoric was out</i>
2. A passagem do Particular para o Universal	<i>General principles were in</i> <i>Particular cases were out</i>
3. A passagem do Local para o Geral	<i>Abstract Axioms were in</i> <i>Concrete Diversity was out</i>
4. A passagem do Temporal para o Atemporal	<i>The Permanent was in</i> <i>The Transitory was out</i>

Sua argumentação para identificar, finalmente, o rompimento com a tradição Renascentista e a passagem de uma linhagem Humanista para Racionalista, se dá a partir da comparação que faz entre Montaigne e Descartes. Para Toulmin, a idéia de filiar Montaigne à liberdade intelectual característica do Renascimento e Descartes à ambição teórica e restrições intelectuais do Racionalismo do 17, lega, dentro do projeto estabelecido por Toulmin, a Montaigne o último suspiro Humanista da Modernidade antes da passagem para o Racionalismo. Toulmin está disposto, enfim, a reforçar a sua idéia de que existiriam dois pontos distintos de partida da Modernidade, e, mais do que isto, identificar dois distintos veios no desenrolar do pensamento Moderno.

De 1630 a 1680, Toulmin vê o desenrolar da Modernidade em sua plenitude. Com os avanços no campo da Física e da Filosofia, da Matemática, com as colaborações de Galileo, Bacon e Descartes, a hipótese das duas trajetórias da Modernidade vai ganhando força à medida em que a História avança:

" The key features of the modern age were products not of a single intellectual origin, but of two distinct beginnings. The first was embodied in the Renaissance humanists, from Erasmus on, who lived in times of relative prosperity, and built up a culture of "reasonableness" and religious toleration. The second beginning was embodied in the 17th-century rationalists, starting with Descartes, who reacted to times of economic crisis - when toleration seemed a failure and religion took to the sword - by giving up the modest skepticism of the humanists, and looking for "rational" proofs to underpin our beliefs with a certainty neutral as between all religious position. When historians dated modernity from the early 17th-century, they saw it as the creation of intellectuals who, following Galileo and Descartes, set out to develop rational modes of thought, free of medieval superstition and theological influence: in this, they shared the position of the whom they saw as the pioneers of Modernity. "

TOULMIN, 1990.

E Toulmin não pára por aí para ver em conjunto o movimento das duas trajetórias da Modernidade; ele vai até a base da Epistemologia de Descartes resgatar a clássica dicotomia mente-corpo para revelar, a partir da distinção entre liberdade da razão no mundo das ações e do pensamento (Thought) e a necessidade causal dos processos mecânicos no mundo natural da Física dos Fenômenos, dois diferentes lados no caminhar da modernidade: um Humanístico e outro Científico. É como se os dois lados da dicotomia - e suas derivações - gerassem duas distintas abordagens do *objeto científico*. Vale lembrar as máximas apontadas por Toulmin sobre as duas trajetórias:

Nature Side	Humanity Side
- <i>Nature is governed by fixed laws set up at the creation</i> - <i>The structure of nature was established a few thousands years ago.</i> - <i>The material substance of Physical nature is essentially inert.</i> - <i>Physical objects and processes cannot think or reason</i> - <i>At the creation, god combined natural objects into stable systems</i> - <i>Higher and lower things are linked so that motion in nature, and action.</i>	- <i>The essence of Humanity is the capacity for rational thought and action.</i> - <i>There can be no science of Psychology.</i> - <i>Humans Beings also have collective power to establish social systems.</i> - <i>Human are mixed beings - in part rational, in part causal.</i> - <i>Reason is mental (or spiritual), emotion is bodily (or carnal).</i> - <i>The emotions frustate or distort reason.</i>

As disputas entre as duas faces da modernidade permanecem mornas até o final do século XIX, começo do XX, quando em crise, as Ciências Exatas, manchadas pelo desastre nacionalista e a Primeira Grande Guerra, vêem o fortalecimento das Ciências Humanas.

Salvo alguns trabalhos isolados que mais tarde desembocariam na vertente racionalista da Modernidade, até a virada do XIX para o XX, os estudos da linguagem estavam montados em cima do rigor e exatidão exigidos para os estudos clássicos. A prevalência do Latim e do Grego era notável, e a própria poética clássica e a retórica ocupavam boa parte dos estudiosos. Em outras trincheiras, os estudos se centravam na Filologia e estudos de gramática comparada e histórica.

Vale lembrar, assim como Toulmin propõe para as Ciências de modo geral, que é preciso creditar à Renascença sua devida contribuição para a constituição de uma agenda da Modernidade na Lingüística; jamais podemos perder de vista que, se pensamos outrora que a Modernidade pode ter se manifestado em duas diferentes vertentes, na Lingüística a história parece não ser muito diferente. A Gramática de Port-Royal e os trabalhos no campo da Lógica parecem afastar, aos seus modos peculiares, os estudos da linguagem da tradição clássica da poética e da retórica, e representariam, talvez, as sementes da vertente racionalista da Lingüística que finalmente eclodiriam com o Programa Gerativo desenvolvido por Noam Chomsky na década de 50 do século passado.

Assim como nas ciências de um modo geral, na Lingüística a Modernidade também parece ter apresentado dois distintos pontos de partida. Isto, contudo, implica em defender um Saussure que é não somente o fundador da Lingüística Moderna mas também o lingüista que estava, dentro da crise da Modernidade na Primeira Grande Guerra vindoura, observando o duplo horizonte dos estudos da linguagem: um Humanista, re-Renascentista nas palavras de Toulmin, e um Naturalista, resquício das Iluminações do XVII. Aceitar em Saussure este ponto difuso na "modernização" da Ciência Lingüística é tentar compreendê-lo como um cientista perturbado ora com os fatos sociais e culturais da linguagem e ora com o aspecto cambiante dos signos no sistema.

Como homem de seu tempo, Saussure teria afunilado as trajetórias e questionado sobre os rumos da nova ciência, trabalhando em mãos com as duas vertentes que a Modernidade podia lhe oferecer: uma presa à literatura clássica e estudos filológicos e outra presa à racionalidade do método. Falecido antes da publicação de sua obra, não tivera

tempo o lingüista genebrino de acompanhar o desenvolvimento, a partir do Cours, do Estruturalismo na Lingüística.

A partir da empreitada Moderna, e com um pouco de facilitação pela publicação do *Cours* tal como foi montada pelos alunos de Saussure que já encaminhava a nova ciência lingüística para um estudo racionalista, o Estruturalismo invade os estudos da Linguagem e toma vertentes diversas como a Fonologia de Praga, os estudos norte-americanos ou mesmo a corrente de Hjelmslev. Nomes como Trubetzkoy, Sapir e outros mais marcam o período entre Guerras.

A Segunda grande Guerra termina em 1945 graças à intervenção norte-americana no fim da guerra e as nações européias estão destruídas e manchadas pelo terror do final das batalhas. Os Estados Unidos assumem definitivamente a liderança do bloco capitalista e conhecemos o período na história chamado de Guerra Fria.

Em meados da década de 50 do século passado, com o advento da Teoria Gerativa, a lingüística parece se livrar definitivamente das amarras humanísticas e abraçar a trajetória mais racionalista, uma vez que resgata os ideais cartesianos do século luminoso. Em meio a confusão militar, a Lingüística reestruturava seus objetivos: era necessário compreender e descrever um número cada vez maior de línguas através de um sistema finito de termos cambiantes universais, e alcançar, finalmente, a primazia do método, possível neste momento com a assunção da epistemologia e filosofia natural legada por René Descartes. A Lingüística passaria a ser cartesiana.

CAPÍTULO 02 - LINGÜÍSTICA E MODERNIDADE

"absolutamente incompreensível se eu não fosse obrigado a confessar-lhe que tenho um horror doentio pela pena, e que esta redação me causa um suplício inimaginável, completamente desproporcional à importância do trabalho. Para mim, quando se trata de lingüística, isto é acrescido pelo fato de que toda teoria clara, quanto mais clara for, mais inexprimível em Lingüística ela se torna, por que acredito que não exista um só termo nesta ciência que seja fundado sobre uma idéia clara e que assim, entre o começo e o fim de uma frase, somos cinco ou seis vezes tentados a refazê-las."

Saussure, ver STAROBINSKI, 1974.

Quando lemos sobre Saussure, não são raras as vezes em que se comentam a vida monótona do estudioso da linguagem, e o fato de o *Cours de Linguistique Generale* não representar de fato o que Saussure pensava a respeito das questões sobre linguagem, sobre Lingüística.

É assim em Escobar:

"A interpretação que sofreram as aulas de Saussure e o desconhecimento de grande parte, senão de tudo, que são os inéditos deste autor, transformaram sua obra (CLG) num trabalho que espelha mal suas posições e que na base - no seu estatuto epistemológico - foi radicalmente transformada."

ESCOBAR, 1973.

... é assim em Culler:

" Em geral, eles [os discípulos de Saussure] realizaram um trabalho admirável, mas há forte razão para dizer que em três aspectos tiveram menos êxito do que seria de desejar: sua ordem de apresentação não é provavelmente a que Saussure teria escolhido e, assim, ela não reflete a sequência lógica potencial do seu argumneto; a noção de natureza arbitrária do signo é muito menos discutida do que nas notas; e, discutino o plano sonoro da língua, os editores são muito menos escrupulosos e coerentes em sua terminologia do que Saussure parece ter sido."

CULLER, 1979.

E certamente é assim em muitos outros comentadores do lingüista genebrino. Kroener vê, contudo, a biografia de Saussure como peça fundamental para a confecção de uma agenda moderna saussiriana pois, em suas próprias palavras:

"Saussure's curriculum vitae constitutes a problem itself, especially since it is intrinsically connected with a understanding of his work.."

KROENER, 1973.

Kroener está apoiando a idéia de Tulio de Mauro, pois vê como relevante no autor da famosa edição italiana anotada do Cours, saída em 1967, a possibilidade de entender o pensamento de Saussure em relação aos fenômenos da linguagem a partir de dados da sua vida acadêmica, dedicada ao lecionar. A idéia de Kroener parece aqui válida, possivelmente porque colocando Saussure como homem de seu tempo, contemporâneo de outros grandes pensadores que também marcaram a Modernidade aos seus modos, como Franz Boas (1858-1942), Otto Jespersen (1860-1943), Freud (1856-1939), Durkheim (1858-1917), Kroener talvez consiga ver a revolução saussuriana de maneira mais cautelosa e presa às condições históricas e sociais do pensamento Moderno naquele momento.

Devemos lembrar também com significativa atenção no percurso acadêmico de Saussure a sua passagem por Leipzig (Alemanha), sobretudo se pensarmos na situação germânica durante a estadia de Saussure (os quatro semestres de 1876 a 1878). Woodruff Smith em seu *Politics and the Sciences of Culture in Germany 1840-1920*, vê no período de 1862-1885 a crise do liberalismo (a política da Modernidade) alemão e a emergência das Ciências Culturais. Mas deixemos de lado nossas especulações sobre as influências que Saussure pode ter recebido durante a sua permanência em território alemão.

Voltemos ao projeto de Kroener... Ele centra seu olhar nos trabalhos de Saussure sobre o Indo-Europeu e tenta, a partir de um estudo longitudinal de suas publicações, colocar como questão central o fato de que, apesar de não romper efetivamente com a tradição da Lingüística Histórica e Comparada que se prestavam aos estudos do Indo-

Europeu na época, Saussure apresenta uma significativa modificação nos estudos da linguagem aparentando uma abordagem mais sincrônica e, pois, diversa dos estudos diacrônicos desenvolvidos até então sobre o Indo-Europeu e o Proto Indo-Europeu.

Se trouxermos os apontamentos de Toulmin expostos na primeira parte deste texto, poderemos interpretar as colocações de Kroener a respeito do lugar de Saussure na Lingüística Moderna observando-o como homem de seu tempo e, como tal, preocupado em acompanhar o trem da Modernidade que ali passava pela estação das ciências humanas. Ou mais, se para nós é capital tentar perceber o andamento das duas trajetórias gêmeas da Modernidade, aceitar o Saussure de Kroener parece mais satisfatório que aceitar o de Escobar, ou mesmo o de Culler.

É verdade que a assunção da ciência Lingüística, autônoma e de objeto definido que exclui o corpo social dos estudos da linguagem apresentada no *Cours*, coloca Saussure num ponto especial dos estudos da linguagem. Ignorando que Saussure não descarta a diacronia, ele é separado da tradição histórica e comparativista dos neogramáticos e tratado como o fundador de uma nova ciência. Obviamente que Saussure traça questões importantes dentro do que vai chamar de lingüística sincrônica, mas não significa isto dizer que o lingüista genebrino descarta-se completamente da importância dos fatores extrínsecos à língua: como raça, geografia, etc.,... Mais do que isto, se atribuímos o devido valor aos trabalhos de Saussure sobre o Indo Europeu, e se levarmos em consideração os apontamentos do *Cours*, perceberemos, talvez um Saussure dividido entre as mazelas da Modernidade em suas distintas trajetórias.

Os críticos, todavia, continuam a questionar fatos bastante profícuos da confecção do *Cours* por Bally e Sechehaye, sem lhes dar a devida atenção. No prefácio datado de 1915, correspondente à primeira edição, os discípulos comentam que:

"...tenta[mos] uma reconstituição, uma síntese, com base no terceiro curso, utilizando todos os materiais de que dispúnhamos, inclusive as notas pessoais de F. de Saussure. Tratava-se, pois, de uma recriação, tanto mais árdua quanto deveria ser inteiramente objetiva; em cada ponto, penetrando até o fundo de cada pensamento específico, cumpro, à luz do sistema todo, tentar ver tal pensamento em sua forma definitiva, isento das variações, das flutuações inerentes à lição falada, depois encaixá-lo em seu meio natural, apresentando-lhe todas as partes numa ordem conforme à intenção do autor, mesmo quando semelhante intenção fosse mais adivinhada que manifestada."

SAUSSURE, 1995.

Note que as palavras de Bally e Sechehaye deixam claro o trabalho de síntese e recriação das aulas do curso de 1910-11 por parte dos autores que, à beira da complexidade que era o pensamento de Saussure, optaram por uma didática inteiramente objetiva baseada em adivinhações das intenções do lingüista genebrino. Mas não quero aqui me ater às questões de difícil constatação como a da autoria do *Cours* em seu sentido pleno. Quero tentar perceber que a leitura oficial, permitida do *Cours*, parece ignorar o capítulo III da primeira parte (Princípios Gerais), sobretudo em seus excertos 8 e 9, pois releva, como vemos à página 16, as seguintes informações:

"As duas partes da lingüística [a saber a sincronia e a diacronia,] vão se tornar sucessivamente o objeto do nosso estudo."

SAUSSURE, 1995.

A leitura oficial, neste sentido, não descarta a primeira grande distinção atribuída a Saussure entre língua e fala mas se recusa a aceitar com mesma valia uma abordagem que levasse em conta as relações com a história que a língua traçaria ao longo dos anos. Em outras palavras, os sucessores de Saussure parecem ter dado maior valor às especulações de Saussure na sincronia e esquecido, talvez para tentar diferenciar a *Nova Ciência* dos estudos filológicos e de gramática comparada e histórica, da diacronia.

Esta Lingüística Ballyana, ou até mesmo Saussiriana em parte, quem sabe, mantinha as formas do fazer ciência da revolução de XVII, da reviravolta de Galileo que tardiamente chegava às Ciências Humanas. Na obrigação de dar à Lingüística a mesma roupa objetiva que dera Durkheim à Sociologia, Saussure vê as leis invariáveis do Positivismo e as questões exteriores ao organismo do sistema, e calca-se também sobre um Determinismo Tainiano que não descarta a raça, o meio e o momento que comporiam qualquer um de nós. Esta não tão nova perspectiva de cientificidade adotada por Saussure confirma a sua idéia bastante complexa em relação à Ciência Lingüística naqueles primeiros anos de 1900: a de assumir que a língua, em si, formaria um sistema e ignoraria as afecções sociais, culturais e políticas; ou por outro lado render-se às obrigações da raça e do meio que por ventura influenciassem a língua no seu uso.

Se acreditamos nas palavras de Toulmin, Saussure estaria dividido entre as duas trajetórias que a Modernidade ali lhe fornecia: a de escapar com os re-Renascentistas enobrecidos pelos desastres das Nações-Estado Européias prestes a travar a Primeira Guerra, o que favorecera bastante a criação das Ciências Humanas, ou se projetar a favor de um chamado racionalista, contra a crise que a própria Modernidade ali passava. Falecido

em 22 de fevereiro de 1913, Saussure não tivera tempo nem mesmo de ver sua obra publicada.

Se atribuímos a Saussure o instaurar na Lingüística do Estruturalismo, oportuno me parece analisar os apontamentos de fonologia do *Cours* e as empreitadas da Escola de Praga¹ em relação ao estudo da combinação dos fonemas². Oportuno, pois, somente um dos aspectos tratados no *Cours* no estudo dos sons, é valorizado: a descrição dos sons via sua substância material expressa pelos movimentos musculares, ou numa única palavra, articulação.

O Saussure do *Cours* ainda que reconheça que muitos *fonologistas se aplicam quase exclusivamente ao ato de fonação, vale dizer, à produção dos sons pelos órgãos (laringe, boca, etc.), e negligenciam o lado acústico, [percebe que] se pudessem reproduzir por meio do cinematógrafo todos os movimentos da boca e da laringe ao executarem uma seqüência de sons, seria impossível descobrir subdivisões nessa seqüência de movimentos articulatorios; não se sabe onde um som termina e outro se inicia*. Ainda assim não deixa de, duas páginas à frente, alimentar a fogueira dos fonólogos de Praga:

"A delimitação dos sons na cadeia falada só se pode apoiar, então, na impressão acústica; mas, para sua descrição, procede-se de modo diverso. Ela só poderia ser feita com base no ato articulatorio, pois as unidades acústicas, tomadas em sua própria cadeia, não são analisáveis. Cumpre recorrer à cadeia dos movimentos de fonação."

SAUSSURE, 1995.

¹ Como ficou conhecido o grupo de estudiosos de fonologia na década de 30 e 40, com integrantes como Jakobson, Trubetzkoy, criadores da *teoria dos traços* que daria vazão ao Estruturalismo na Lingüística.

Curioso, contudo, é tentar observar como o ideário de Saussure é tratado na fonologia de Praga. O próprio recorte estabelecido pelo príncipe Nikolay Trubetzkoy, um dos expoentes da Escola de Praga, parece apontar apenas para os percalços da teoria de Ferdinand de Saussure em relação à nova disciplina fonológica dos anos 30. O texto original de 1933 (*La Phonologie Actuelle*, *Journal de Psychologie normale et pathologique* 30, pg.277/246) acaba por permitir lograr ao Saussure do *Cours* um Estruturalismo *apres la lettre*. Trubetzkoy almejava, de antemão, para a separação da Fonologia da empreitada fonética empregada pelos neogramáticos na lingüística histórica, a necessidade da distinção das duas espécies de oposições fônicas: as que expressavam diferenças semânticas ou gramaticais, e as que não diferenciavam o sentido das palavras.

Neste sentido, Trubetzkoy prefere beber das águas do dialetólogo suíço J. Winteler, do foneticista inglês Sweet e, sobretudo do polonês S. Baudoin de Courtenay a saciar a sede no projeto acústico, afastado da articulação, proposto pelo *Cours*, que privilegiava as abordagens fonéticas tais quais elas eram desenvolvidas pelos comparativistas e foneticistas da época, com seus ouvidos que deviam valer ouro.

O reconhecimento de uma estrutura cambiante, abstrata em relação à percepção do som, era uma das tarefas da Fonologia para obtenção da cátedra, e que até hoje mantém a fronteira entre a Fonética e a Fonologia baseada na concepção física da primeira contra a capacidade de abstração da segunda. Trubetzkoy afirma que:

² Outra empreitada, que aqui não me permitirei, seria a de discutir como a fonologia foi jogada para o centro da lingüística, posição que foi alcançada também pela sintaxe anos mais tarde.

"Esta delimitação das duas disciplinas foi realizada pela primeira vez por Courtenay, independente de F. de Saussure."

in DASCAL,1982.

Esta conduta de Trubetzkoy parece trazer à tona a figura de um novo círculo lingüístico formado também no começo do século XX: o norte-americano. Se a tarefa da Fonologia era instituir-se como disciplina, caberia a esta ressaltar a distinção fundamental entre sons e fonemas, e possivelmente por isso o príncipe jogaria confetes para Edwar Sapir. A já corrente indústria do *paper* nos releva o detalhe de que o *The psychological reality of phonemes* de Sapir fora publicado nas mesmas páginas do número especial (La Psychologie du Language) do Journal de Psychologie Normale et Pathologique 30, no qual Trubetzkoy escrevera o seu *La Phonologie Actuelle*, e que, talvez, estivessem ali sendo abertas as portas da Moderna Lingüística que conheceríamos, em sua plenitude, no vitorioso pós-guerra norte-americano.

Sobre a distinção entre uma abstração e sua realização fonética, Sapir é taxativo em ressaltar a importância que ganharia então a fonologia:

"É claro que estas propriedades físicas são necessárias para nos dar como um indício para a identificação da entidade dada, como um ponto funcionalmente significativo em um sistema complexo de conexões; mas, para qualquer contexto dado, é de se notar como muitas dessas propriedades físicas são, ou podem ser, colocadas à margem como irrelevantes, e como uma propriedade específica, possuidora de um valor simbólico inusitado devido ao momento ou à compreensão social, pode ter um papel determinante, completamente desproporcional ao seu peso físico na definição da entidade."

in DASCAL,1982

Se os teóricos de Praga confirmavam (mais ou menos) o Estruturalismo na Fonologia pós-Saussure e se o próprio Saussure estivesse mesmo preocupado com sua incerteza de escolher entre as duas trajetórias da modernidade, a Lingüística certamente ainda não havia alcançado a primazia do método. Se através de Saussure e dos esforços dos fonólogos de Praga a Lingüística se permitiu vestir a camisa de uma Ciência Moderna, não havia, contudo, *cogitado* jogar ao lado do filósofo que assumiria a paternidade dessa Filosofia moderna: René Descartes (1596-1650), que influenciara diretamente o movimento das ciências exatas, sobretudo nos séculos XVII e XVIII, estaria sendo ressuscitado pela Lingüística em meados da década de 50 do séc. XX..

Se a objetividade tomara conta de Saussure, Bally et alii e do próprio Estruturalismo, a partir da concepção de que a ciência deveria ser pensada a partir de suas leis e princípios e a partir de partículas atomizadas de estudos que revelam o todo, o cartesianismo nas mãos do lingüista norte-americano Noam Chomsky transformaria a lingüística numa ciência preocupada com seus métodos, ou melhor, com o matematismo dos seus métodos e seu grande poder de predição.

A Noam Chomsky, leia-se aqui *dans la lettre*, se atribuem as renovações dentro da Lingüística Moderna conseguidas, sobretudo, pela redução dos estudos à implementação matemática das regras do sistema. O que se iniciava em 1957, ganhava força em 66 com o *Lingüística Cartesiana*. Já em sua Introdução, Chomsky ressalva que neste livro ele se limitaria a *fazer um esboço preliminar e fragmentário de algumas idéias diretrizes da lingüística cartesiana, sem fazer qualquer análise explícita da relação delas com o trabalho atual, que procura esclarecer e desenvolver estas idéias. O leitor, familiarizado com o trabalho atual na chamada Gramática Gerativa terá pouca dificuldade em traçar,*

por si mesmo, estas conexões. O lingüista norte-americano deixa claro seu público alvo e, com isso, já exclui da Lingüística lingüistas.

A ciência Lingüística assume o fazer-ciência das ciências exatas. É esta a revolução na Lingüística ou a revolução está no outorgar de um *mainstream*, confirmando as bases das ciências exatas ? Se é verdade que com as mudanças introduzidas na Lingüística através do Gerativismo a ciência se reconhecia como tal, como Ciência, era porque, tardiamente em relação às ciências naturais/exatas, assumia os padrões de cientificidade do século Luminoso, Galileano e, sobretudo, Cartesiano, percorrendo a trajetória mais racionalista da Modernidade.

CAPÍTULO 03 - A LINGÜÍSTICA CARTESIANA

Here is a dead rainbow.

Noam Chomsky

Antes de partir especificamente para comentar a idéia central deste capítulo a respeito do ideal racionalista e cartesiano que foi implantado nos estudos da linguagem com a chegada do Gerativismo, parece-me preliminar e salutar explicar duas ginásticas teóricas que deverão interpelar o texto neste instante. Uma primeira que diz respeito a como Baker & Hacker (1984) vêem a "evolução" do Gerativismo, de suas sementes na área da lógica até os trabalhos de Chomsky; e uma segunda que tenta, a partir de algumas objeções colocadas sobre as leituras de Baker & Hacker (1984), traçar paralelos com as questões levantadas por Toulmin na investigação de uma agenda da Modernidade.

Começemos pela primeira tarefa. Baker & Hacker parecem ser mais categóricos ao analisarem os empreendimentos para os estudos da linguagem. Descartes é colocado como divisor de águas no estudo da linguagem. É preciso retomar que, na Moderna filosofia natural do 17, a linguagem era encarada como nada além de um veículo para a comunicação das idéias. Como lembram os autores:

"Thought was generally conceived as a mental transaction with ideas, private to the thinker and in general independent of language. But since ideas are not themselves transferable from one thinker to another, they can be represented by words."

BAKER & HACKER (1984)

Baker & Hacker vão, a partir desta concepção de linguagem, apontar para um primeiro ponto isolado nos estudos da linguagem, marcado pelo surgimento da gramática de Port-Royal (1662), que serviria de arcabouço teórico para Gerativismo. É retomando alguns pontos da Gramática do século XVII que os gerativistas vão montar a sua base teórica:

"The *Grammaire Générale et Raisonné* recognizes the fact that, while all languages may have an identical logical basis, the superficial forms are different in each language, and frequently are not 'logical': some elements necessary for the understanding of the sentence may need to be supplied by the hearer, or the order words may not be logical."

Lakoff, in PARRET, 1976.

Lakoff continua sua empreitada no texto "*La Grammaire Générale et Raisonnée, ou La Grammaire de Port-Royal*", apontando sempre para as proximidades entre o trabalho da gramática do 17 e os intentos gerativistas da década de 60/70 do séc. XX. Lakoff reconstrói a aproximação entre a Gramática de Port-Royal e a Gramática Gerativa, ressaltando que na primeira estão vários dos princípios básicos da segunda. A recursividade, a criatividade do falante³, a existência de regras de derivação⁴, etc... são questões já tratadas nas páginas de Port-Royal.

Para Baker & Hacker a linguagem era encarada pelos filósofos modernos e pelos gramáticos de Port-Royal como um código capaz de transmitir idéias, conceitos ou pensamentos com propósitos comunicativos. Assim entendida a linguagem ou obscurece o pensamento, porque não lhe representa com fidelidade, ou diametralmente oposta, a linguagem, por representar de algum modo os conceitos, pode dar pistas sobre o mundo das idéias. A gramática de Port-Royal, insistindo no projeto de ver a relação entre as idéias e as palavras, parece, na argumentação de Baker & Hacker, antecipar não só ao Gerativismo, mas à Lingüística de um modo geral, a questão da relação arbitrária do signo lingüístico.

³ Lakoff, pg. 350. "[...] a grammar has in it the possibility of recursion. This is, of course, means that language is infinitively creative and that the speaker of language is always able to produce a sentence that has never been produced before."

⁴ Lakoff, pg. 351: "The concept of a division between levels of a grammar implies, of course, the existence of rules to derive one level from another: in current theory, the transformational rules."

Baker & Hacker dão o segundo passo para tentar explicar o caminho percorrido pelos estudos da linguagem a partir de Descartes. Dentro do que chamam de tradição lógica, Baker & Hacker apontam que, além de Port-Royal, a lógica tradicional não satisfazia os interesses de Descartes. Como a lógica tradicional estava montada sob os alicerces do silogismo, três são as prováveis razões levantadas para o cartesianismo esquecê-la ou mesmo negar a lógica durante dois séculos. Uma porque a lógica tradicional não satisfazia o método cartesiano, na medida em que não pode garantir a verdade a partir de premissas trocadas.

Se, de outro lado, as premissas já contêm as conclusões, se inibem a criatividade e a decomposição, rumam em sentido oposto ao plano montado pelo cartesianismo no XVII. A segunda razão, pois, para afastar a lógica tradicional do projeto de Descartes se dá pela confirmação de *petitio*. Por fim, terceira e última razão, a lógica tradicional é uma lógica de exposição e não de descoberta.

Mais tarde, com o surgimento do Psicologismo alemão em meados do século XIX graças à ressurreição kantiana, a lógica estava, nas palavras de B&H optando por duas infelizes alternativas:

"Psychologism and Platonism seemed the only viable alternatives. With very few exceptions, neither logicians nor philosophers thought that the laws of logic might be rooted in the essentially arbitrary conventions for the use of arbitrary linguistic signs. Nor did they think that logic was concerned, save indirectly and instrumentally, with language or grammar."

BAKER & HACKER (1984), pg.29

Se até a primeira metade do XIX o cartesianismo obscurecia o trabalho da lógica tradicional, em contrapartida, não colocava nada de novo em seu lugar. No projeto de Baker & Hacker, a lógica havia sido totalmente apagada, entendida como desnecessária pelos cartesianos até o aparecimento de George Boole que operaria uma revolução sem precedentes. Atrelando à lógica os avanços da matemática, o novo cálculo lógico de Boole criava a álgebra do pensamento.

Uma vez que a matemática tornara-se aliada da lógica, no final do século XIX, a reviravolta ganharia força maior. Valendo-se da teoria da funções, Gottlob Frege acabaria por balançar os alicerces da lógica:

"Frege (1848-1925), considered by some to be the fountain-head of modern analytical philosophy, was a recentless opponent of psychologism or idealism in logic, language and metaphysics. He approached the problems of logic from the very different angle of Platonism, holding that a language encoded not ideas, conceived as mental objects, but concepts and thoughts, conceived as mind-independent platonic entities."

BAKER & HACKER (1984)

Este novo ângulo de visão da lógica não significava somente mais uma nota na filosofia de Platão. Havia, na lógica de Frege, uma distinção, de partida, que reconsiderava toda a base da tradição lógica desenvolvida até o momento. A mudança da lógica de sujeito e predicado para uma lógica de funções e argumentos traz mudanças consideráveis no compreender do caminho percorrido pelos estudos da linguagem:

"Frege's crucial innovation was to repudiate the tradicional conception of (the content of) judgment as composed or synthesized from subject and predicate, and replace it by a conception of judgment as decomposable or analysable into function and argument."

Um exemplo de mudança significativa, refletido até hoje nos estudos da linguagem é entender que a palavra tem um significado ou significa algo somente no contexto da sentença. Assim, este princípio elementar da lógica de Frege, uma vez que negava a síntese dos juízos a partir dos conceitos já dados, abriria caminho para a lógica que operava com os conceitos derivados por decomposição dos juízos, a partir da função. Os autores vão ainda em Russel e terminam, finalmente esclarecendo os avanços da lógica imaginada pelo jovem Wittgenstein. Na visão de Baker & Hacker, os estudos da linguagem estariam incorporando, cada vez mais, os atributos desta nova lógica matematizada e formalizada do final do XIX e início do século XX.

Passamos para a segunda questão, a de tentar complementar as leituras de Baker & Hacker com os apontamentos de Toulmin, e vice-versa. Partimos aqui de algumas objeções que talvez obnumbrariam o leitor.

A primeira delas diz respeito à forma como Baker & Hacker encaram a figura de Descartes. É bem verdade que a filosofia de Descartes será ressuscitada pelo Gerativismo e que a filosofia de um modo geral conhecia com os estudos do filósofo francês avanços talvez nunca antes conseguidos; mas, como vimos nas observações de Toulmin, somente Descartes é pouco para entender o complexo desenvolvimento do pensamento Moderno no XVII. É preciso, sendo menos categórico, entender que a passagem da Renascença para um veio Racionalista da Modernidade se deu não somente a partir de Descartes, mas através dele e de muitos outros colaboradores. É verdade que Toulmin não objetiva

especificamente os estudos da linguagem, mas seu projeto, em relação ao de Baker & Hacker, por não colocar Descartes categoricamente como o divisor de águas, permite observar o gradiente da História em sua composição bi-polar: a humanista e a racionalista.

A segunda objeção diria respeito à maneira como Baker & Hacker vêem a cooperação da lógica do XIX/XX (de Frege, Russel e Wittgenstein) para a construção da teoria Gerativa. Ao que parece, o parentesco entre a sintaxe da lógica do XIX, criada para dar conta das relações entre os termos da função, e a do Gerativismo, ainda não está definitivamente provado. Sabemos que os frutos mais doces da lógica de Frege, de Russel, etc, foram colhidos, mais tarde, dentro da Lingüística, pelos semanticistas. Se Frege, Russel e Wittgenstein efetuam a revolução na lógica, como explicar o parentesco de Port-Royal e o Gerativismo ? Ou melhor, como é construída a linha do tempo dos estudos da linguagem: é uma quebra, uma volta ou as duas coisas ?

* * *

Voltamos a questão central deste capítulo invocando a palavra *Mesmerize*⁵... É com essa palavra que Baker & Hacker iniciam suas investigações sobre a teoria Gerativa. Passeando de um idioma ao outro, a palavra mesmerismo também consta nas páginas do dicionário Aurélio:

"**mesmerismo.** *S. m.* Teoria de Franz Anton Mesmer, médico austríaco (1733-1815), segundo a qual todo ser vivo seria dotado de um fluído magnético capaz de se transmitir a outros indivíduos, estabelecendo-se, assim, influências psicossomáticas recíprocas, inclusive com fins terapêuticos."

Novo Dicionário Aurélio

Mas o que é mesmerizado ao Gerativismo ? O que o Gerativismo recupera de outros indivíduos ? Talvez seja necessário voltar, mais uma vez, ao século XVII. Resumidamente, racionalistas como Descartes pensavam que a mente era formada de idéias simples, dadas, e que, por composição de idéias simples, a mente poderia construir as idéias complexas. As idéias, portanto, são ou complexas ou simples, e toda idéia complexa é formada a partir da combinação de idéias simples.

Uma vez assumido o cartesianismo pelo Gerativismo, Baker & Hacker acrescentam a este prato modernista o tempero da lógica de Frege, Russel, etc (lógica composicional ?). A nova lógica que quebrava a dicotomia sujeito/predicado, abria caminho para a lógica dos argumentos. Se o Gerativismo retoma a questão de "como é possível para nós entender sentenças que nunca ouvimos antes ? " é, possivelmente, porque mesmeriza o ideal iluminista do XVII. É isso que pretendem J. Fodor e J.J. Katz:

"Empirical linguistics takes the most general problem of the study of language to be that of accounting for the fluent speaker's ability to produce freely and understand readily all utterances of his language."

Fodor & Katz, 1971

No Gerativismo, a sentença é composta pelos constituintes, e sabemos das relações (uma sintaxe ?) entre os constituintes dentro de uma sentença. Baker & Hacker lembram que se por um lado a chegada do Gerativismo trazia a sintaxe definitivamente para o centro dos estudos da linguagem, migrada da lógica iniciada por Frege no XIX, por outro lado proporcionava modificações consideráveis dentro da semântica.

⁵ No inglês *hypnotism*.

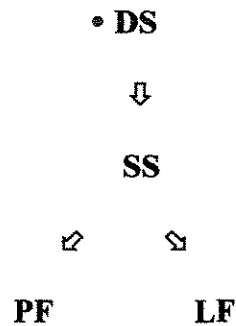
A lógica Gerativista tentava dar conta da característica infinita e criativa da linguagem, trazendo como pano de fundo, não mais um mundo lógico mas um mundo das línguas naturais. Para o Gerativismo, seria possível explicar as questões da *infinitude* e da *criatividade* através de um estudo formal dos constituintes de uma sentença, das relações entre os mesmos dentro das sentenças, e da "significação" destas sentenças. A gramática Gerativa passa a ser entendida como:

"[...] a system of rules and principles that determine the formal and semantic properties of sentences. The grammar is put to use, interacting with other mechanisms of the mind, in speaking and understanding language."

Chomsky, 1976

Para Baker & Hacker, de acordo com a tradição inaugurada por Saussure no começo do século XX, Chomsky acaba por conceber uma lingüística que também se volta para um Psicologismo. Neste sentido, apontam que não há, neste viés da Lingüística criado com o advento da teoria Gerativa, distância da Lingüística de Saussure e de Chomsky.

Baker & Hacker passam então para a análise dos constituintes, da combinação destes constituintes dentro das sentenças, tratando ainda das questões do conhecimento tácito e a compreensão de sentenças novas. Os constituintes são o "átomo" da teoria Gerativa, nas próprias palavras de Katz (ver KATZ, 1966). Os constituintes, ou itens lexicais, estão guardados numa espécie de arquivo (o dicionário, o léxico) e, uma vez agrupados, formam as frases e sentenças que ouvimos e falamos. O desenho é, para nós lingüistas, bastante conhecido, ainda que os nomes, por vezes, sejam diferentes:



• **DS** - DEEP STRUCTURE (léxico)

SS - SURFACE STRUCTURE (sintaxe)

PF - PHONOLOGICAL STRUCTURE (fonologia)

LF - LOGICAL FORM (semântica)

Baker & Hacker entendem, da seguinte maneira, o funcionamento do "esquema" acima:

"The abstract lexicon or axioms of theory of meaning represent the meanings of words. The meanings of combinations of words must be displayed as derived from the meanings of the words combined."

BAKER & HACKER (1984)

Como nem todas as combinações fazem sentido, significam algo numa dada língua natural, o Gerativismo vai dar conta disto criando as restrições de seleção⁶ e as regras de

⁶ "This selection of senses and exclusion of others is reconstructed in the semantic component by the device [...of a...] selection restriction. Selection restrictions express necessary and sufficient conditions for the readings in which they occur to combine with other readings to form derived readings." Katz, The Philosophy of Language.

projeção do componente semântico⁷, garantido as sentenças bem formadas. Baker & Hacker tentam mostrar que a teoria Gerativa não só explica, ao seu modo, o processo de compreensão, mas acaba por proporcionar à teoria um grande poder de predição. A crítica continua:

"It is clear enough that if one is embarked upon the construction of any theory of meaning which will enable the derivation of the meaning of any sentence from the meanings of its constituents and mode of combination, one must take steps to exclude nonsense and semantic anomaly."

BAKER & HACKER (1984)

Mas por que o nonsense, para Baker & Hacker, representa um obstáculo ao Gerativismo ? Para excluir o nonsense da teoria, para dar conta dele, é preciso criar o standard. No Gerativismo é preciso aceitar que uma sentença bem formada, que significa algo, será invariavelmente inteligível para a competência do falante. Baker & Hacker negam essa invariabilidade⁸ e apontam que, entendendo assim o funcionamento da linguagem, a criatividade do falante, policiada por este pesado arsenal teórico, acaba se resumindo a realização de um cálculo combinatório das possibilidades que estão pré-determinadas e delimitadas por regras dadas tacitamente. E a questão do que é dado (given), do que conhecemos tacitamente, está longe de ser pacificada.

⁷ "The projection rules of semantic component for a language characterize the meaning of all syntactically well-formed constituents of two or more words on the basis of what the dictionary specifies about these words. Thus, these rules provide a reconstruction of the process by which a speaker utilizes his knowledge of the dictionary to obtain the meanings of any syntactically compound constituent." Katz, *idem*, pg. 161.

⁸ "The idea that sentence *invariably* makes sense or *invariably* fails to make sense is chimerical, and defending this dogma by categorizing intuitively ill-formed sentences as necessarily false leads from one absurdity into another. These are serious difficulties for compositionism." B&H, 1984, pg. 337.

A lingüística parte, de meados de 50 do século XX adiante, para a vertente mais racionalista da Modernidade, recuperando os ideais do Cartesianismo. A Lingüística passou a ser cartesiana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quem sabe se explicando os títulos de meus poucos capítulos eu não consiga finalmente traduzir para o leitor este pequeno, porém esburacado, caminho de meu texto. No primeiro capítulo, trabalhei primeiramente com a questão da Modernidade através das leituras de Stephen Toulmin no *Cosmopolis*, observando que não estão somente no século XVII as sementes da Modernidade. Segundo Toulmin, os Renascentistas contribuíram com sua parcela significativa no desenvolvimento da Modernidade, sobretudo se pensarmos na luta que travaram os humanistas com a Igreja Católica.

Uma vez percebido o caráter dual do desenrolar da Modernidade, é colocada, ainda no capítulo I, uma apresentação rápida da ciência da linguagem, tomando como pano de fundo as leituras de Toulmin e de Polanyi, tentando traçar um pequeno panorama histórico destes traços de Modernidade nos estudos da Linguagem.

No segundo capítulo a questão é invertida não sem propósitos. Se no segundo capítulo a Lingüística é tomada como centro da discussão, a partir da qual se poderá observar tal e tal traço de Modernidade em tal e tal teoria, é porque não quis somente transportar os conceitos com que Toulmin trabalha diretamente para a Lingüística. O conceito de Modernidade na Lingüística ainda carece de uma explicação mais satisfatória do que esta, mas talvez aqui seja oportuno ao menos levantar que existem, talvez como imagina Toulmin, conflitos entre os pólos mentores da Modernidade: o humanista e o racionalista.

Neste sentido, a discussão sobre Saussure devia necessariamente extravasar as fronteiras do *Cours*. Era preciso buscar em Saussure características, talvez, que também o aproximassem de uma postura mais humanista, e, sem isso, negar-lhe a importância, aproveitada inclusive por Chomsky anos mais tarde. Pois, como vimos no capítulo terceiro,

por exemplo, não parece existir muita distância entre o Psicologismo dos dois marcos da Lingüística.

O terceiro capítulo traz à tona as leituras de Baker & Hacker, pois não há, em Toulmin, uma investigação específica dos estudos da linguagem. Ainda assim, é preciso novamente entender que não podemos importar desapercibidamente a agenda proposta por Toulmin no *Cosmopolis* para os estudos da linguagem e nem, também, aceitar, sem ver com mais atenção os apontamentos de Baker & Hacker, que a lingüística seguisse o caminho previsto por eles.

O ponto de partida estabelecido pelos autores, ou melhor o divisor de águas, é a filosofia natural de Descartes, assim, para os estudos da linguagem, categoricamente são determinados os estudos pré- e pós- cartesiano. Parece tornar-se aqui válido, pois, no estudo do desenvolvimento da Modernidade dentro da Lingüística, o Gerativismo de meados do XX acaba por conduzir a ciência para seu veio mais racionalista, invocando os ideais da filosofia de René Descartes.

Contudo há problemas decorrentes da maneira como vão construir, a partir dos estudos da lógica de Frege, os elos entre esta lógica composicional e a lógica Gerativa. De partida, a lógica ligada à matemática no século XIX não tinha nenhum interesse em se voltar para os estudos de línguas naturais, fato que nem sequer é explorado por Baker & Hacker para refutar o Gerativismo. Além do mais, a lógica binária empregada pelo Gerativismo se afasta e muito da matemática envolvida na lógica composicional. Se a formalização e a matematização, unicamente, garantem estes elos, não posso afirmar sem maiores investigações.

Enfim, tanto para traçarmos uma agenda para a Modernidade de um modo geral, quanto para fazer o mesmo para a Lingüística especificamente, partimos da idéia de que em ambos os "lugares" de análise somos obrigados a aceitar a diversidade no nascimento da Modernidade: tanto para entender como a Modernidade se desprende dos ideais medievais como para entender como ela foi minando os estudos da linguagem, é preciso entendê-la não com um único ponto de partida, e muito menos que a ruptura com as trevas tenha se dado da noite para o dia. A História já nos fez ver que não resolvemos problemas desta ordem criando momentos estanques da história.

Para além deste passo, é preciso também discutir sobre as sementes da Modernidade e perceber, como pretende Toulmin, que também na Lingüística elas eclodem tanto numa vertente Humanística, presa ao Renascimento, e outra Racionalista, presa à filosofia do XVII.

ABSTRACT

The aim of this work is to discuss the concept of Modernity in the study of language, but not by imposing *a priori* some concepts of rationalism, humanism, or others. From the lectures of Toulmin and Baker & Hacker, we travel across Saussure and Chomsky, trying to see what traces were important to Linguistic construct the agenda of Modernity.

KEYWORDS: Philosophy of Language
Pragmatics
Linguistic: History

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKER, G.P. & HACKER, P.M.S. Language, Sense and Nonsense. Basil Blackwell Ltd. Oxford, UK. 1984.
- CHOMSKY, N.. Cartesian Linguistics, New York/London: Harper and Row. 1966
- _____ Reflections on Language, Fontana. London. 1976.
- CULLER, J.. As Idéias de Saussure. São Paulo: Cultrix: 1979.
- DASCAL, M.. Fundamentos Metodológicos da Lingüística. Edição limitada financiada pelo organizador, com a colaboração de professores e alunos do departamento de Lingüística, Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP. 1982.
- ESCOBAR, C.H. de. Semeion. Editora Rio, Rio de Janeiro. 1973.
- FODOR, J. & KATZ, J.J.. 'What's Wrong with the Philosophy of Language ?' in Philosophy and Linguistics, C. LYAS (ed.). Macmillan and St Martin's Press, London. 1971.
- KOERNER, E.F.K.. Ferdinand de Saussure. Vieweg. 1973
- POLANYI, M. Science, Faith and Society. University of Chicago Press, USA. 1946.
- SAUSSURE, F. de. Curso de Lingüística Geral. Editora Cultrix, São Paulo. 1995
- SMITH, W. D.. Politics and Sciences of Culture in Germany 1840-1920. Oxford University Press. 1991.
- STAROBINNSKI, J.. As palavras sob as palavras. Editora Perspectiva, São Paulo. 1974.
- TOULMIN, S.. Cosmopolis - The hidden agenda of Modernity. University of Chicago Press ed. 1990.

DICIONÁRIOS

- Michaelis. Dicionário Prático Inglês Português - Português Inglês. Ed. Melhoramentos, SP. 1987.
- Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. Editora Nova Fronteira. 1986.
- Novo Dicionário Francês Português - Português Francês. Lello&Irmão editores. Porto. 1962.
- Oxford. Advanced Learner's Dictionary of Current English. A. S. Hornby. Oxford University Press. 1974.

COLEÇÕES

- Os Pensadores (vols. I, II, II, IV, XI, XV, XVIII, XIX;XXI, XXV, XXIX, XXX, XXXIII, XXXVI, XLIII, XLIX). Abril Cultural. SP. 1972.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- AUROUX, S.. A Filosofia da Linguagem. Campinas: SP, Editora da UNICAMP. 1998.
- AUSTIN, J.L.. How to do Things with Words. Harvard University Press. 1962.
- BOTHA, R.P. Challenging Chomsky - The Generative Garden Game. Basil Blackwell. 1989.
- CATON, C.E.. Philosophy and Ordinary Language. University of Illinois Press. 1963.
- PHILLIPS, D.C.. Philosophy, science and Social Inquiry - Contemporary Methodological Controverses in Social Science and Related Applied Fields of Research. Pergamon Press. UK. 1987.
- POLANYI, M.. The Logic of Liberty. University of Chicago press. 1951.
- RAJAGOPALAN, K.. O Conceito de Identidade em lingüística: é chegada a hora para uma reconsideração radical ? in Língua(gem) e Identidade. Ver SIGNORINI(org.), 1998. Campinas: SP. Mercado de Letras. 1998.
- TOULMIN, S. The philosophy of Science. Hutchinson's University Press. UK. 1953.
- _____ Human Understanding. Princeton University Press. USA. 1977.
- PARRET, H. (ed.). History of Linguistic Thought and Contemporary Linguistics. Walter de Gruyter. USA. 1976.

Apêndice

"The gradual emergence of a society dedicated to the pursuit of truth by methods of objectivity and tolerance occurred in Europe through the revival of Greek thought after the Dark Ages. Much of this thought had survived in Christian theology and in the remnants of Roman Law. Then from the time of the Carolingian revival ancient thought spread its influence steadily until it once more became dominant during the Italian Renaissance. The period of the Renaissance humanists saw the first attempt to overthrow the hitherto ruling theological authority and to establish in its place a culture based on a free secular intelligence. The Reformation and the Counter-Reformation threw this process back, but it re-emerged finally in the seventeenth century in Holland, England, and in the English Colonies of America, and led there for the first time to an institutionally established régime of comparatively wide objectivity and tolerance. In other parts of Europe tolerance spread first through the agency of enlightened absolutism and, later, more effectively, through the repercussions of the French Revolutions of 1789 and 1848."

A ascensão gradual de uma sociedade dedicada à busca da verdade por métodos objetivos e tolerantes ocorreu na Europa através de um renascimento do pensamento Grego após a Idade das Trevas. Muitos destes pensamentos sobreviveram na teologia Cristã e nos vestígios da Lei Romana. Desde o tempo do renascimento carolíngio, o pensamento antigo propagou sua influência firmemente até que, mais uma vez, se tornou dominante durante o Renascimento Italiano. O período do Renascimento humanista viu a primeira tentativa de derrubar a autoridade teológica até então no poder e estabelecer no seu lugar uma cultura baseada em uma inteligência secular livre. A Reforma e a Contra-Reforma provocaram um retrocesso deste processo, mas ele finalmente se reergueu no século 17 na Holanda, Inglaterra e nas colônias Inglesas da América, e conduziu pela primeira vez a institucionalização do regime estabelecido de ampla objetividade e tolerância. Em outras partes da Europa, a tolerância se espalhou primeiramente através dos postulados de um absolutismo iluminado e, posteriormente, de forma mais eficiente, através de repercussões da Revolução Francesa de 1789 e 1848.

" The rise of lay culture cleared the ground for a definitive break with the Middle Ages, in both the intellectual revolution was launched by Galileo Galilei, and by René Descartes. It had two aspects: it was a scientific revolution, because it led to striking innovations in physics and astronomy, and it was the birth of a new method in Philosophy, since it established a research tradition in theory of Knowledge and philosophy of mind that has lasted right up to our own times. In fact, the founding documents of modern thought - Galileo's Dialogues concerning the Two Principal World Systems and Descartes' Discourse on Method - both dated from the same decade: that of the 1630s. "

O nascimento de uma cultura leiga preparou o terreno para a ruptura definitiva com a Idade Média, em ambos os casos a revolução intelectual foi lançada por *Galileo Galilei* e por *René Descartes*. Dois aspectos podem ser observados: foi uma revolução científica, pois levou a notáveis inovações na física e astronomia, e foi o nascimento de um novo método na filosofia, uma vez que estabeleceu uma tradição na pesquisa da Teoria do Conhecimento e filosofia da mente que continua até os nossos tempos. Na verdade, os documentos encontrados sobre o pensamento moderno – Diálogos de Galileo sobre os Dois Principais Sistemas Mundiais e o Discurso sobre Método de Descartes – ambos datados da mesma década (1630).

" We are taught that this 17th-century insistence on the power of rationality, along with the rejection of tradition and superstition - the two were not clearly distinguished - reshaped European life and society generally. After a brief flowering in Classical Greece, natural science had made little progress for two thousand years, because people either did not understand, or were distracted from, the systematic use of "scientific method". Earlier ideas of Nature were thus refined spasmodically and haphazardly, for lack of reconized ways to improve scientific thought systematically and methodically. "

Fomos ensinados que a insistência no poder de racionalidade do século 17, junto com a negação da tradição e da superstição – as duas não eram claramente distinguidas –

remodelaram a Vida Européia e a Sociedade em geral. Após um pequeno florescer na Grécia Clássica, a ciência natural fez pouco progresso por milhares de anos, pois as pessoas nem entenderam nem foram distraídas pelo uso sistemático do "método científico". As primeiras idéias de natureza foram então refinadas espasmodicamente e ao acaso, pela falta de maneiras reconhecidas para melhorar o pensamento científico de forma sistemática e metodológica.

1. A passagem do Oral para o Escrito	<i>Entra a Lógica Formal</i> <i>Sai a Retórica</i>
2. A passagem do Particular para o Universal	<i>Entram os Princípios Gerais</i> <i>Saem os Casos Particulares</i>
3. A passagem do Local para o Geral	<i>Entram os Axiomas Abstratos</i> <i>Sai a Diversidade Concreta</i>
4. A passagem do Temporal para o Atemporal	<i>Entra A Permanência</i> <i>Sai A Transitoriedade</i>

" The key features of the modern age were products not of a single intelectual origin, but of two distinct beginnings. The first was embodied in the Renaissance humanists, from Erasmus on, who lived in times of relative prosperity, and built up a culture of "reasonableness" and religious toleration. The second begining was embodied in the 17th-century rationalists, starting with Descartes, who reacted to times of economic crisis - when toleration seemed a failure and religion took to the sword - by giving up the modest skepticism of the humanists, and looking for "rational" proofs to underpin our beliefs with a certanty neutral as between all religious position. When historians dated modernity from the early 17th-century, they saw it as the creation of intellectuals who, following Galileo and Descartes, set out to develop rational modes of thought, free of medieval superstition

and theological influence: in this, they shared the position of the whom they saw as the pioneers of Modernity. "

As principais características da idade moderna não tiveram uma única origem intelectual mas foram fruto de dois começos distintos. A primeira foi enlevada na Renascença humanista, a partir de Erasmus, que viveu em tempo de relativa prosperidade, e construiu uma cultura de "sensatez" e tolerância religiosa. A segunda foi incorporada pelos racionalistas do século 17, começando com Descartes, que reagiu aos tempos de crise econômica - quando a tolerância parecia um fracasso e a religião era predominante - desistindo da ceticismo modesto dos humanistas, e procurando provas "racionais" derrubar as nossas crenças com uma certeza neutra como em todas as posições religiosas. Quando historiadores dataram a modernidade a partir do século 17th, eles viram isso como uma criação de intelectuais que, como Galileo e Descartes, pretendiam desenvolver modos racionais de pensamento, livre da superstição medieval e da influência teológica: com isto, eles compartilhavam a posição deles com os pioneiros da Modernidade.

Natureza	Humanidade
- <i>A natureza é governada por leis fixas estabelecidas pela criação</i> - <i>A estrutura da natureza foi estabelecida há milhares de anos.</i> - <i>A matéria da Física é essencialmente inerte.</i> - <i>Objetos Físicos e processos não pendam ou raciocinam</i> - <i>Na criação, Deus combinou objetos naturais com sistemas estáveis</i> - <i>Corpos de alta e baixa energia se relacionam de maneira a permitir movimento e ação na natureza.</i>	- <i>A essência da Humanidade é a capacidade de pensar racionalmente e agir.</i> - <i>Não existe Filosofia da Ciência.</i> - <i>Seres Humanos tem poderes coletivos para estabelecer sistemas sociais.</i> - <i>Humanos são uma mistura de razão e de acaso.</i> - <i>Razão é mental (ou espiritual), emoção é física (ou carnal).</i> - <i>As emoções frustam ou distorcem a razão.</i>

"Saussure's curriculum vitae constitutes a problem itself, especially since it is intrisically connected with a understanding of his work.."

O próprio currículo de Saussure constitui um problema, especialmente por ser intrinsecamente ligado com a compreensão de seu trabalho.

"Thought was generally conceived as a mental transaction with ideas, private to the thinker and in general independent of language. But since ideas are not themselves transferable from one thinker to another, they can be represented by words."

O pensamento foi geralmente concebido como uma transação mental de idéias, inerente ao pensador e independente da linguagem. Mas, uma vez que as idéias por si só não se transferem de um pensador a outro, elas podem ser representadas por palavras.

"The GGR recognizes the fact that, while all languages may have an identical logical basis, the superficial forms are different in each language, and frequently are not 'logical': some elements necessary for the understanding of the sentence may need to be supplied by the hearer, or the order words may not be logical."

A GGR reconhece o fato de que, enquanto todas as línguas podem ter uma base lógica idêntica, as formas superficiais são diferentes em cada língua, e freqüentemente não são "lógicas": alguns elementos necessários para a compreensão da frase devem ser fornecidos, ou as palavras podem não ter lógica.

"Psychologism and Platonism seemed the only viable alternatives. With very few exceptions, neither logicians nor philosophers thought that the laws of logic might be rooted in the essentially arbitrary conventions for the use of arbitrary linguistic signs. Nor did they think that logic was concerned, save indirectly and instrumentally, with language or grammar. "

Psicologismo e Platonismo parecem ser as únicas alternativas viáveis. Com poucas exceções, nem os lógicos nem os filósofos pensam que as leis da lógica possam ter origem em convenções essencialmente arbitrárias para o uso de sinais lingüísticos arbitrários. Eles tampouco pensavam que a lógica estava preocupada, salvo indiretamente e instrumentalmente, com linguagem ou gramática.

"Frege (1848-1925), considered by some to be the fountain-head of modern analytical philosophy, was a relentless opponent of psychologism or idealism in logic, language and metaphysics. He approached the problems of logic from the very different angle of Platonism, holding that a language encoded not ideas, conceived as mental objects, but concepts and thoughts, conceived as mind-independent platonic entities."

Frege (1848-1925), considerado por alguns o mentor da filosofia analítica moderna, foi um oponente do psicologismo ou idealismo na lógica, linguagem e metafísica. Ele abordou problemas de lógica sob um ângulo bastante diferente do Platonismo, afirmando que a língua não codificava idéias, concebidas como objetos mentais, mas conceito e pensamentos, concebidos como entidades platônicas independentes da mente.

"Frege's crucial innovation was to repudiate the tradicional conception of (the content of) judgment as composed or synthesized from subject and predicate, and replace it by a conception of judgment as decomposable or analysable into function and argument."

A inovação crucial de Frege foi repudiar a concepção tradicional de (o conteúdo de) julgamento como composto ou sintetizado de sujeito e predicado, e substituí-la por uma concepção de julgamentos decompostos ou analisáveis por uma funções e argumentos.

"Empirical linguistics takes the most general problem of the study of language to be that of accounting for the fluent speaker's ability to produce freely and understand readily all utterances of his language."

Linguistas empíricos consideram que problema central do estudo da linguagem é a habilidade que o orador tem de produzir e entender rapidamente todas as expressões de sua própria língua.

"[...] a system of rules and principles that determine the formal and semantic propwerties of sentences The grammar is put to use, interacting with other mechanisms of the mind, in speaking and understanding language."

... um sistema de regras e princípios que determinem as propriedades formais e semânticas de sentenças. A gramática é colocar em uso, interagindo com outros mecanismos da mente, na fala e na compreensão da língua.

• **DS - DEEP STRUCTURE** (léxico) – Estrutura profunda

SS - SURFACE STRUCTURE (sintaxe) – Estrutura superficial

PF - PHONOLOGICAL STRUCTURE (fonologia) – Estrutura fonológica

LF - LOGICAL FORM (semântica) –Forma lógica

"The abstract lexicon or axioms of theory of meaning represent the meanings of words. The meanings of combinations of words must be displayed as derived from the meanings of the words combined."

O léxico abstrato ou axiomas da teoria do sentido representa o sentido das palavras. O sentido das combinações de palavras devem ser mostrados como derivados de significados de palavras combinadas.

Nota de rodapé

"This selection of senses and exclusion of others is reconstructed in the semantic component by the device [...of a...] selection restriction. Selection restrictions express necessary and sufficient conditions for the readings in wich they occur to combine with other readings to form derived readings." Katz, The Philosophy of Language.

Estas seleção de sentidos e exclusão de outros é reconstruída no componente semântico por um dispositivo (de uma) restrição seletiva. Restrições seletivas expressam condições necessárias e suficientes para os registros nos quais elas ocorrem para se combinar com outros registros para formar registros derivados.

Nota de rodapé :

"The projection rules of semantic component for a language characterize the meaning of all syntactically well-formed constituents of two or more words on the basis of what the dictionary specifies about these words. Thus, these rules provide a reconstruction of the process by which a speaker utilizes his knowledge of the dictionary to obtain the meanings of any syntactically compound constituent." Katz, *idem*, pg. 161.

As regras de projeção do componente semântico para uma linguagem caracterizam o sentido de todos os constituintes sintaticamente bem formados, de duas ou mais palavras, com base o que está especificado no dicionário sobre estas palavras. Portanto, estas regras promovem uma reconstrução do processo pelo qual o falante utiliza seu conhecimento do dicionário para obter o sentido de qualquer componente sintaticamente composto.

"It is clear enough that if one is embarked upon the construction of any theory of meaning which will enable the derivation of the meaning of any sentence from the meanings of its constituents and mode of combination, one must take steps to exclude nonsense and semantic anomaly."

É claro o bastante que se uma pessoa está engajada na construção de uma teoria de sentido que permitirá a derivação do sentido de qualquer frase a partir do significado dos seus constituintes e modos de combinação, deve-se excluir anomalias semânticas e nonsense.

MARCELO ROCHA BARROS-GONÇALVES

LINGÜÍSTICA E MODERNIDADE

Dissertação apresentada ao curso de
Lingüística do Instituto de Estudos da
Linguagem da Universidade Estadual de
Campinas como requisito parcial para
obtenção do título de mestre em Lingüística.

Orientador: Kanavillil Rajagopalan

UNICAMP

INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

2002

Nota de rodapé :

"The idea that sentence *invariably* makes sense or *invariably* fails to make sense is chimerical, and defending this dogma by categorizing intuitively ill-formed sentences as necessarily false leads from one absurdity into another. " B&H, 1984. pg. 337.

A idéia de que uma frase invariavelmente pode ou não fazer sentido é uma quimera, e defendendo este dogma categorizando intuitivamente frases mal-formadas como necessariamente falsas nos leva de um absurdo a outro.